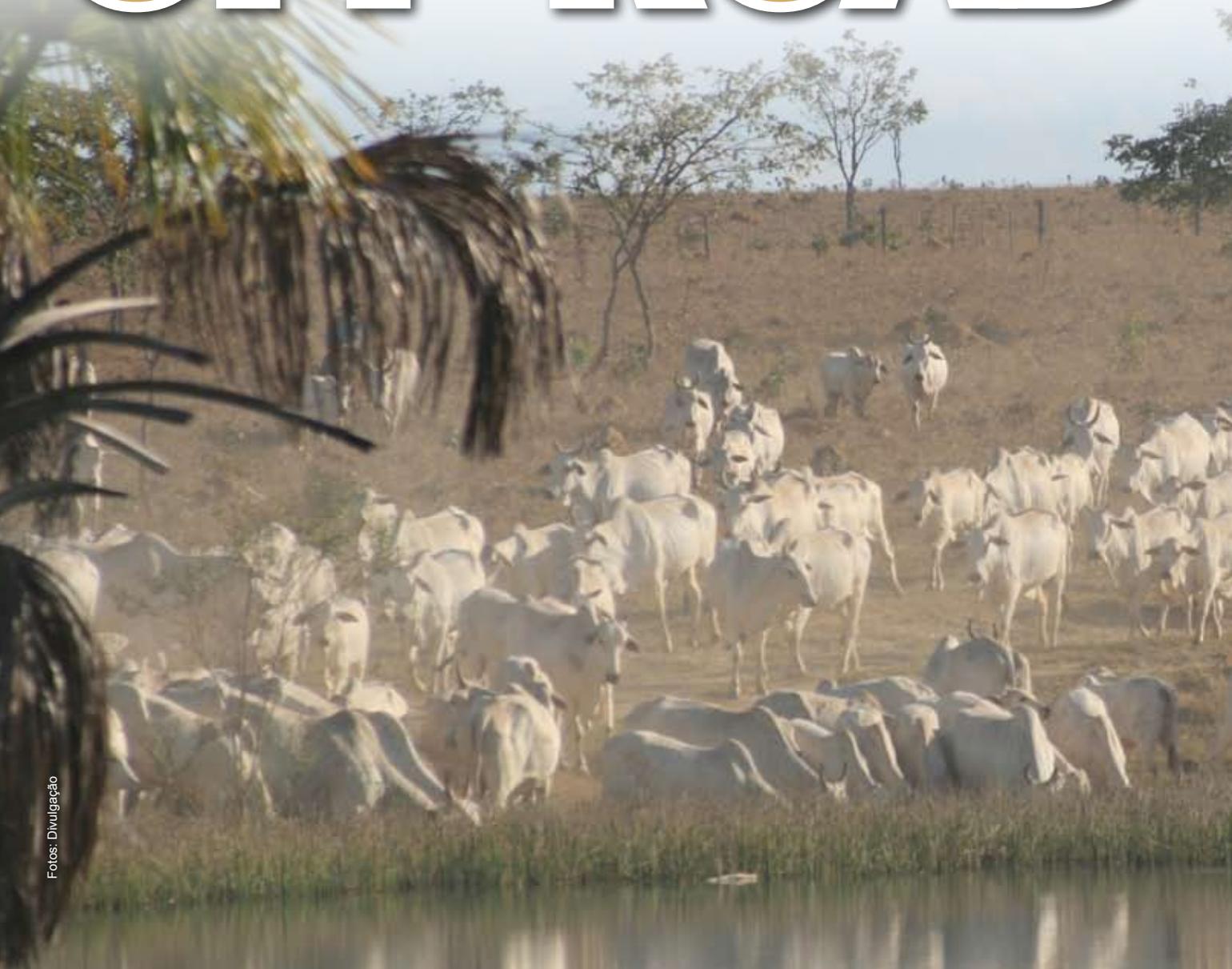




MATÉRIA DE CAPA

Brasil é OFF ROAD



Pista de Julgamento e Fórmula 1: uma semelhança questionável

William Koury Filho*

É freqüente ouvirmos a comparação das pistas de julgamento com a F1. A analogia, realmente, faz muito sentido, tanto pelo ambiente tecnológico quanto pela performance dos animais. Contudo, é preciso aprofundarmos a reflexão.

Desde jovem, a arte de olhar para o gado de maneira crítica (julgar, classificar, apartar e selecionar) me fascina. Criado numa família que vive da pecuária, assisti meu pai frequentando pistas na década de 1970, e tatersais de leilões desde os primeiros anos de 1980. Também acompanhei o deslocamento da atividade da família do estado de São Paulo para o Mato Grosso do Sul, deixando as pistas e focando na comercialização de touros. Em meados da década de 1990, subimos no mapa, alcançando o Mato Grosso. Lá, aumentamos o rebanho, e, com a implementação de novas tecnologias em melhoramento genético, imprimimos maior pressão de seleção.

Durante quase 40 anos observei a pecuária bovina do Brasil pela janela de casa, interagindo com a perspectiva de muitos mestres (com ou sem formação acadêmica). Por isso, sempre destaco a importância da Universidade conciliada à prática de campo na escola da vida.

Hoje, já estou com os cabelos brancos e, portanto, com a experiência que me permite escrever sobre assuntos polêmicos – sem querer ditar regras. Acredito ser muito importante que técnicos, jurados, criadores e associações, juntos, conduzam discussões sadias em prol do sucesso das criticadas pistas de julgamento. Na minha opinião, as pistas são um momento único de apreciação da qualidade morfológi-



Qualidade que pesa exato!



BALANÇA BOVINA ELETRÔNICA



BALANÇA RODOVIÁRIA



TRONCO AMERICANO SUPREMO

COIMMA A MAIS PREMIADA DO MERCADO!



Dracena - SP

SAC: 55 18 3821-9900

Ligue Grátis: 0800 11 2555

www.coimma.com.br



ca detalhada dos animais de uma determinada raça e têm a função de apontar para modelos morfológicos a serem adotados para desempenhar uma determinada função na pecuária nacional.

O problema é que a maioria das associações tem se omitido em apontar um biotipo, e, também, em definir prioridades nos critérios de julgamento, jogando toda essa responsabilidade para os jurados.

Nas pistas, o discurso é de equilíbrio entre profundidade de costelas e altura de membros; de tamanho moderado e de funcionalidade. Mas na prática não é bem assim.

Bezerros com muita profundidade de costelas e pouca perna param logo de crescer e podem não dar o peso adequado de abate, assim como animais adultos com 50% de costelas e 50% de pernas são tardios para qualquer raça bovina. Então, o que é um animal equilibrado?

E aquelas críticas sobre o animal que estava se desenvolvendo bem, mas parou de crescer? O que se deseja são animais precoces ou tardios? Se precoces, talvez o bom mesmo é o que para de crescer (ponto B), apresentando

uma curva de crescimento diferenciada, adequada para uma pecuária de ciclo curto.

E sobre o tamanho moderado: será que os animais da raça Nelore que ganham as atuais pistas são medianos?

Citei como exemplo a raça porque neste mês julguei Brahman e Guzerá ao lado da pista de Nelore, em Uberaba e em Curvelo/MG, respectivamente, e pude ver o quanto os animais desta raça estão grandes. É muita perna!

Particularmente, há alguns anos eu considerava que um animal poderia ser até de porte maior, contanto que tivesse boas proporções em suas medidas. Hoje, trabalhos científicos demonstram que animais de porte grande são mais exigentes em ambiente e que a maior necessidade de manutenção se reflete no desempenho reprodutivo quando não se tem aporte nutricional suficiente.

Uma das maiores dificuldades que temos num julgamento é não nos impressionarmos com o tamanho dos animais que foram criados num sistema de produção muito diferente da realidade brasileira. O ideal é premiar aqueles indivíduos que realmente possam ter bom desempenho a campo, pois a competitividade mundial da nossa pecuária deve-se, em grande parte, ao capim e seus baixos custos para a produção de carne e leite. O número de animais terminados em confinamento é crescente, mas a manutenção das matrizes e a criação dos animais são a pasto.

O ambiente de pasto vem melhorando nos últimos anos, com suplementos e pastagens melhor manejadas, mas está cada vez mais distante da tecnologia aplicada nas coqueiras, que utiliza

rações que chegam a custar mais de R\$100,00 o saco, além de suplementos requintados, de instalações, tratadores, apresentadores e casqueadores que podem definir, no detalhe, a performance de um time de ponta.

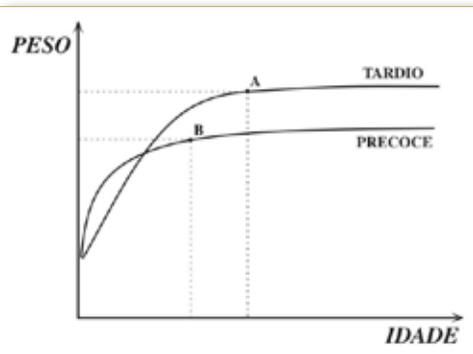
Pois é, parece mesmo uma equipe de F1, onde, embora muito importante, não basta a habilidade do piloto: também contam o volume de investimento, o combustível, o pneu ou um detalhe tecnológico que pode definir a equipe campeã naquele ano.

GENÓTIPO X AMBIENTE: DIFÍCIL INTERAÇÃO

Nas exposições, independentemente das sinalizações anteriores de tabelas de peso máximo, ou mesmo colocando algumas regras para que seja alcançado um mínimo em desempenho reprodutivo, os animais de ponta têm de corresponder muito bem como grandes ganhadores de peso. Situação análoga acontece na F1, na qual se busca maior velocidade em um circuito que possui muitas curvas, ou seja, não basta maior rapidez nas retas, é também necessário um carro com estabilidade para obter também melhor desempenho nas curvas.

No entanto, os autódromos são perfeitos quanto à qualidade do asfalto, com o mínimo de irregularidades que possam comprometer o desempenho dos carros. Sendo assim, dá para ima-

O momento é oportuno para que seja proposto o biótipo ideal nas diferentes raças zebuínas



ANÚNCIO



ginar um carro de F1 nas rodovias convencionais da Europa ou dos Estados Unidos? E nas estradas de asfalto mal conservadas da região Centro-Oeste do Brasil? E na terra?

O fato é que, enquanto o rebanho de quase 200 milhões de animais no Brasil tem de pegar muita poeira e lama nas estradas de chão (ambiente a pasto), o preparo para a pista está cada vez mais sofisticado. O resultado é um gado com performance nos autódromos (cocheira), mas incapaz de obter bom desempenho em estradas precárias, sob seca ou chuva, onde há lama, buracos, e com muita poeira e trepidação nas “costelas de vaca”.

Esse distanciamento pode ser observado no tamanho ou *frame size* das matrizes e reprodutores da raça Nelore que geram os atuais campeões. O resultado dos touros líderes do ranking para esta raça, e seus desempenhos médios em programas de melhoramento, é uma comprovação técnica. Esses animais vão muito bem na reta (DEPs de crescimento ou peso), mas, quando vão para as curvas (DEPs de perímetro escrotal e habilidade materna), se complicam. Além disso, se precisarem ir para estradas esburacadas ou de terra, aí constatamos que de fato tem muita coisa a se modificar no motor, suspensão, chassi e aerodinâmica. Ou seja, o desenho e as proporções corporais (DEPs morfológicas e de carcaça) deverão ser muito diferentes.

Algumas raças estão com o tamanho e desenho mais distantes do biótipo que apresenta saúde no campo (proporções corporais – relação entre comprimento, profundidade de costelas, altura de pernas, arqueamento de costelas, abertura de peito, perímetro torácico, musculabilidade e características sexuais secundárias). O que estamos chamando de “saúde” no campo é adaptabilidade, chamada por alguns de rusticidade, ou seja, é o que garante a eficiência em reprodução.

Mesmo com toda a dificuldade da interação genótipo-ambiente, que favorece determinadas linhagens em situações privilegiadas, as associações de raças deveriam estudar mais o assunto, compor comissões com técnicos e criadores (mercado) e propor um desenho, uma referência de tamanho.



Nas raças bovinas o retorno econômico se dá com a venda de touros e sêmen

É necessário atentar para as características indicadoras de fertilidade, para a cria ao pé e quanto a qualidade do produto deveria influenciar na premiação da matriz.

No encontro de fevereiro passado, promovido pela ABCZ, o assunto modelo a ser adotado veio à tona, mas respostas mais objetivas não surgiram ainda.

Um caso bem atual é o do Gir Leiteiro, que definiu que a função de produzir leite era o principal atributo a ser ponderado. O mercado respondeu muito bem, animais que não apresentaram produção de leite perderam valor, independente da “beleza estética”. Inicialmente, o trabalho passou por cima de detalhes raciais – embora não abrindo mão do enquadramento racial – mas assumindo que a aptidão de produção leiteira era o objetivo primordial. Foram realizados estudos morfométricos no campo e foi proposta uma referência de modelo de vaca com desenho produtivo, estrutura forte sem exagero, tamanho moderado, feminina e perfeita no padrão racial.

Seguindo o exemplo do Gir Leiteiro, o momento é muito oportuno para que o biótipo ideal nas diferentes raças zebuínas seja proposto por dois importantes motivos: o primeiro é que contamos com programas de melhoramento genético gerando DEPs e valores moleculares cada vez mais precisos; o segundo é aproveitar a

chegada de variabilidade genética importada da Índia. Todavia, esse material genético não deverá acompanhar o desempenho em ganho de peso dos animais líderes dos atuais rankings de pista (selecionados para ambiente ultraprivilegiado). Mesmo assim, os indianos podem contribuir, além de heterose, para características de adaptação, fertilidade e raça, já que no país de origem são duramente colocados a situações de ambiente restritivo.

Sei que não é fácil propor critérios de julgamento e apontar para uma referência de animal “ideal” (*True Type*), e que cada raça tem suas qualidades e defeitos específicos a serem trabalhados num espaço de tempo, mas não se pode negar a distância da genética utilizada nas pistas de hoje – por exemplo, na raça Nelore –, com a genética de melhores resultados a campo.

Assim, a tecnologia desenvolvida na F1 (pistas) precisa chegar aos carros de passeio (campo). Retorno econômico aos patrocinadores, espaço nas mídias e valorização da marca pagam a conta na F1. Nas raças bovinas, isso se faz com a venda de touros e sêmen que serão utilizados no universo de 70 milhões de vacas no Brasil. Estamos lidando com um país onde, sem dúvida, a vocação produtiva é a pasto, na qual o ambiente é totalmente *Off Road*. 🐄

***Diretor da BrasilcomZ – Zootecnia Tropical – www.brasilcomz.com.br
Colaborou Luciano Bitencourt.**